

Ποστ/η
F-834

FRANKÓ



MOISÉS

IVÁN FRANKÓ

MOISÉS

SOCIEDADE DOS AMIGOS DA CULTURA UCRANIANA
CURITIBA

COMPANHIA BRASILEIRA DE ARTES GRÁFICAS
RIO DE JANEIRO

1981

Tradução do Ucrainiano e prefácio: Wira Selanski
Prólogo e canto X: Helena Kolody e Wira Selanski
Revisão: Rui Capdeville

Série VERTÉP:

1. Ghryghory Skovorodá: FÁBULAS
2. Tarás Chewtchenko: O SONHO
3. Iván Frankó: MOISÉS

Capa: W. W.

 Wira Selanski e Sociedade dos Amigos da
Cultura Ucrainiana



I. TRUCH (1869-1941): RETRATO DE IVÁN FRANKÓ

IVÁN FRANKÓ, O TITÃ DA GALÍCIA

Prometeu, o titã, enfrentando com revolta os desígnios de Zeus, o soberano do Olimpo, doou aos mortais o fogo benfazejo. Com a ajuda do fogo, os homens desenvolveram habilidades e artes até então desconhecidas. O fogo sagrado era o princípio de sua ascensão espiritual, embora o generoso doador, por milênios de anos, tivesse que pagar, por este gesto, com um sofrimento acima de todas as imaginações.

O mito de Prometeu é o mito de Iván Frankó.

Ele era filho da Galícia, a parte ocidental da Ucrânia. Por muito tempo esta região teve uma história desligada da do resto do território nacional, incorporado ao Império Russo. No século XIX, ela estava sob o governo austríaco e esperava, a partir de 1848, quando foi abolida a escravidão dos camponeses, um destino melhor.

Já antes, com o aparecimento da “Trindade Rutena” — os poetas Markián Chachkevitch (1811-1843), Yakiw Gholovatsky (1814-1888) e Iván Vaghylevytch (1811-1866) — tinha acordado a consciência nacional deste esquecido recanto ucraniano. Sua coletânea lírica, RUSSALKA DNISTROVA (Ninfa de Dniester), editada no exterior e que chegou à Galícia apenas em 100 exemplares, foi a causa desta mudança. Carregada de regionalismos, esta coletânea era escrita na língua do povo, com beleza ingênua e singeleza dos cantos folclóricos. Surge, então, um grupo de jovens-entusiastas, chamado de “nacionais”, que se opõem aos tradicionais cidadãos acomodados que, desiludidos com o governo austríaco, procuram salvação no tzar russo.

De fato, o Governo da Áustria, politicamente enfraquecido, não correspondeu aos anseios dos ucranianos, dissipando esperanças de uma vida econômico-cultural

mais independente. Ele confiava mais na nobreza polonesa, dando-lhe carta branca na Galícia, e o resultado foi que as escolas, as instituições, as corporações — antes, de língua oficial alemã — passaram por um processo de polonização. A mais prejudicada nisso foi a classe básica da nação ucraniana: os camponeses. Falando uma língua própria, eles eram considerados algo de inferior. Explorados com grande facilidade, não sabiam como se defender.

Na 6.^a década do século XIX, a juventude ucraniana mais progressista tomou conhecimento da obra de Tarás Chewtchenko. De várias partes da Ucrânia, cujo território fora esarteado pelos vizinhos, levantam-se vozes solidárias com a idéia da unificação ucraniana; entre elas, a de Yury Fed'kovytch, da Bucovina, ocupada também pela Áustria. Na Galícia surge uma imprensa nacional, para a qual colaboram escritores e poetas de todas as regiões da Ucrânia, e funda-se a Sociedade PROSVITA (Instrução) com editora própria.

No entanto, o processo esclarecedor era demorado. Começou uma ferrenha batalha entre os “nacionais” e os “russófilos”, esgotando as forças vitais de ambos os lados, em busca de problemas muitas vezes menos importantes, tais como a questão da grafia. O povo, neste ínterim, continuava na miséria, na dependência econômica, no analfabetismo e na ignorância em relação às suas potencialidades.

É nesta época que surge a figura titânica de Iván Frankó.

Filho de um ferreiro dos arredores da cidade petrolífera de Borysláv (o nome quer dizer “florestas gloriosas”), nasceu em 1856. O livro autobiográfico MALY MYRON (O Pequeno Myron) de 1879 nos fala sobre sua infância. Era um menino retraído e pensativo, de aparência insignificante, com emaranhados cabelos ruivos e vivos olhos cinzentos. Assistia com grande interesse às reuniões dos camponeses na forja do seu pai de quem, a vida toda, conservou as melhores lembranças, por ter tido o espírito do bom senso e a graça do bom conselho.

O menino recebeu a primeira educação na casa do seu tio Pawló Kultchytzky, um homem letrado e intelligen-

te, que vivia na aldeia vizinha; depois foi mandado ao ginásio na próxima cidade de Droghobytych. A sina lhe era adversa: quando estudava na 6.^a série ginásial, já era órfão de pai e mãe. Sua sensibilidade estava à flor da pele, especialmente quando via a discrepância do tratamento dos alunos mais humildes em relação ao dos mais abastados. Sobre injustiça vão versar suas inúmeras obras, futuras: os contos OLOVETS (Lápis), de 1876; SCHÖN SCHREIBEN de 1879; GHRYTSEVA CHKILNÁ NAUKA (A Aprendizagem de Ghryts'), de 1883; OTETS' — GHUMORYST (Padre-Humorista) de 1903 e tantos outros. Ainda neste período ginásial, o futuro poeta-escritor trava conhecimento com artífices, tornando-se seu companheiro e ajudando-lhes nos seus afazeres. Durante as férias, ajudava seu padrasto nos trabalhos domésticos: na colheita do trigo e feno, no pastoreio do gado. Nas horas de lazer, conversava com os camponeses sobre sua vida e seu trabalho e anotava cantos folclóricos, provérbios e lendas, em cujo espírito, mais tarde, iria compor diversos livros, especialmente os dedicados a crianças.

Já a partir da 4.^a série ginásial, Frankó compunha contos e poesias. Quando era necessário escrever uma redação, ele enchia o caderno inteiro de versos em ucraniano, polonês ou alemão. O jornal DRUGH (Amigo) de Lviw publicou duas poesias do neófito na Literatura que, a partir de então, se dedica a uma leitura sistemática dos autores nacionais e estrangeiros.

Depois de ter terminado o ginásio, Frankó foi à capital da Galícia, Lviw, tornando-se assíduo colaborador do jornal DRUGH, um periódico ainda bastante provinciano. No ano de 1875, ele trava conhecimento com um grande erudito de Kiev, Mykhailo Draghomaniw, vivamente interessado no movimento jovem ucraniano na Galícia, Bucovina e Zakarpátia, regiões ucranianas sob a influência política da Polônia, Romênia e Hungria. Na ocasião, Draghomaniw escreveu três cartas ao jornal DRUGH, fazendo justas censuras à juventude ucraniana destas regiões, por saber tão pouco do processo cultural europeu e se resignar a uma existência provinciana e atrasada, além de tudo, querendo imitar os russos, cuja língua e cultura mal conheciam. Ele mostrou aos jovens o ca-

minho a seguir, que seria a aprendizagem profunda de seu próprio idioma, o interesse vivo pelo próprio povo, que tanto precisava de sua orientação e proteção!

Iván Frankó ficou entusiasmado com esta lição e principiou uma correspondência com o sábio, que findou somente com a morte do último, em 1895. Como resultado desta amizade, que na verdade apenas estimulou sua inclinação natural, Frankó escreve seus contos BORYSLAW (1877), DVA PRYATELI (Dois Amigos, 1876), NA ROBOTI (No Trabalho, 1877) e outros, onde está evidente o contexto social.

Mykhailo Draghomoniw era considerado pelo governo austríaco homem perigoso, devido a suas idéias arrojadas. Por causa de uma carta sua, Iván Frankó foi preso, sendo acusado de idéias socialistas. Seguiu-se um processo e uma condenação a nove meses de prisão — uma sentença injusta, pois naquela época mal sabia o que era socialismo; ele apenas lutava pela justiça e pelos direitos iguais para os seus semelhantes. O cativo era penoso, a cela superlotada e mal arejada; o poeta dormia embaixo da única janela aberta, para permitir um pouco de ventilação, e acordava com a cabeça cheia de neve...

No entanto, Frankó não se entregava. Começava um tempo de trabalho intenso na imprensa: redação de um novo jornal GHROMADSKY DRUGH (Amigo da Comunidade), onde aparecem seu famoso poema KAMENIARI (Britadores, 1878) e o conto BOA CONSTRICTOR (1878). Junto com seu amigo Mykhailo Pawlyk, Frankó cria as editoras DZVIN (Sino), MOLOT (Martelo) e NOVÁ OSNOVA (Nova Base), — todas elas condenadas a breve desaparecimento. Sobreviveu DRIBNA BIBLIOTECA (Pequena Biblioteca), que publicava brochuras de pequeno tamanho, divulgando entre o povo suas obras originais, como também traduções dos grandes mestres da literatura mundial.

Nesta época, o escritor conheceu o movimento socialista polonês e tornou-se seu adepto, lendo conferências para os trabalhadores poloneses e ucranianos. No periódico polonês TYDZIEN' POLSKI (Semana Polonesa) apareciam seus artigos sobre assuntos ucranianos. Evidentemente, Frankó desejava tomar contacto com os intelectuais poloneses, fazê-los conhecer os problemas ucr-

nianos a fim de conseguir uma melhoria de vida para os seus compatriotas na Galícia. Isso deu, no entanto, motivo bastante para sua segunda prisão. Frankó foi surpreendido no Sul da região e conduzido várias vezes de uma prisão para outra, sendo obrigado a andar por muitos quilômetros a pé. Doente, como se achava, com forte febre, perdeu nesta ocasião todas as unhas dos pés. Esta experiência dolorosa ele descreve no seu conto NA DNI (No Fundo, 1880). Foi ela que profundamente comoveu seus correligionários e muitos de seus antigos inimigos.

De volta a Lviw, o escritor funda a revista mensal SVIT (O Mundo). Embora sua orientação ideológica continuasse a mesma dos periódicos anteriores, ela já não era tão surpreendente. Frankó escreve, então, num tom mais tranqüilo, que logo é aceito pela maioria. Ele colabora nas revistas DILO (Ação), ZORIÁ (Estrela) e no periódico humorístico DZÉRKALO (Espelho), em Lviw, mas também em periódicos russos em Kiev e Genebra e no jornal polonês PRAWDA (Verdade) de Warszawa (Varsóvia). Ele se dedica à pesquisa dos tempos da escravidão dos camponeses, especialmente à época de 1810-1848, colhendo, assim, precioso material para seus romances PANSKI JARTY (Brincadeiras dos Senhores, 1887), VELYKY CHUM (Grande Murmúrio, 1907) e LEL I POPEL (Lel e Popel, 1887), escrito em língua polonesa. Os anos 1880-1884 intensificaram sua criação lírica, onde lateja seu ardente patriotismo. Frankó, que mesmo na poesia mais íntima raramente fala em seu próprio nome, mostra-se sobretudo um companheiro de luta para com os outros e fala em nome de sua nação, a quem dedica todo o seu esforço e em cujo futuro acredita.

Este titã trabalhava acima das forças humanas, publicando então suas obras literárias e históricas em LITERATURNO-NAUKOVA BIBLIOTECA (Biblioteca Científico-Literária). Seus contatos se estendiam de Petersburgo a Viena. Seu espírito transgredia fronteiras de um patriotismo local estreito, pois que almejava colocar sua pátria no mesmo nível de nações livres da Europa. Duas vezes ele viajou a Kiev, casando-se na segunda ocasião com Olgha Khorunjynska. O casal teve quatro filhos. No en-

tanto, estes contatos exteriores custaram-lhe a perda do trabalho fixo na revista ZORIÁ. O poeta foi obrigado a trabalhar durante dez anos no periódico polonês KURJER LWOWSKI (Arauto de Lwiw). Sua tentativa de conquistar simpatias polonesas não se realizou, embora seus artigos fossem muito cotados. Finalmente, Frankó chega à conclusão de que “somente semeando no próprio campo pode-se esperar boa colheita”. . . Sua atividade é imensurável, dirigida para um público variado. Algumas de suas obras aparecem em polonês, russo e alemão, mas a língua ucraniana é-lhe mais cara.

Pela terceira vez, Frankó foi preso em 1889, quando havia eleições para a Câmara dos Deputados, e o governo temia que ele pudesse ser eleito por causa de sua grande popularidade. . . Depois de três meses de cativeiro, não havendo nenhum delito na sua pessoa, foi liberado. Deste tempo data seu conto DO SVITLA (Para Luz, 1889) e a coletânea TIUREMNI SONYTY (Sonetos do Cárcere, 1893). De novo em liberdade, Frankó principia a redação do jornal NÁTSIA (Nação), porta-voz do recém-formado Partido Radical, cujas aspirações eram favorecer especialmente a classe rural, esclarecendo-a no sentido nacional, político e econômico. Este partido se interessa pela liberdade de palavra e imprensa, pelas reformas e eleições livres. Frankó escreve centenas de artigos, recorrendo muitas vezes à sátira para derrubar seus inimigos. Ele viaja pela Galícia inteira com conferências, ensina, esclarece, orienta. . . A coletânea de contos W POTI TCHOLÁ (No Suor da Testa, 1903) testemunha sua luta titânica para vencer a miséria do povo e seu sofrimento causado pela injusta ordem social.

Em 1894, Frankó defendeu sua tese doutoral na Universidade de Viena. Em seguida foi proposto para o cargo de Professor Catedrático de Língua e Literatura Ucranianas na Universidade de Lwiw, porém o governo se opôs à sua nomeação — uma injustiça que revoltou os patriotas ucranianos. Agora, Frankó era um mestre da nação, uma luz, de cujo brilho ninguém mais duvidava. Nos anos posteriores, ele recebeu o título de doutor “honoris causa” da Universidade de Kharkiw e tornou-se membro honorífico da PROSVITA, da ACADEMIA DE LETRAS de Lwiw e de Praga.

De 1873 em diante existia em Lviw a SOCIEDADE DE TARÁS CHEWTCHENKO que, a partir de 1893, muda o nome para SOCIEDADE CIENTÍFICA DE TARÁS CHEWTCHENKO. Seu presidente torna-se o grande historiador Mykhailo Ghruchewsky, cuja mão direita é Iván Frankó. Graças ao supremo esforço destes dois homens, a SOCIEDADE CIENTÍFICA começa a florescer, alcançando logo importância internacional. Em 1897, Frankó foi proposto para o cargo de deputado para a Câmara Federal em Viena, mas havia tamanha ação inimiga que não foi eleito nem no ano seguinte para a Assembléia Legislativa da Galícia, faltando-lhe apenas dez votos... Em 1898 principia a edição de LITERATURNYK-NAUKOVY VISNYK (Mensageiro Literário-Científico), e no primeiro número aparecem os poemas de Frankó sobre a imigração ucraniana para o Brasil. O poeta sofre com as grandes dificuldades que encontraram os primeiros emigrantes no novo continente. Estes emigrantes no entanto, já tão acostumados a sofrer na sua própria pátria, aceitam tudo com um admirável estoicismo, esperando pelos tempos melhores, apesar da dura realidade.

Frankó e Ghruchewsky filiaram-se ao Partido Nacional-Democrata, mas abandonaram-no logo. Ambos cresceram acima do espírito partidário. Em 1898 os amigos festejaram os 25 anos de trabalho literário de Iván Frankó. Na ocasião, só os títulos de suas obras, colecionados por Mykhailo Pawlyk, ocupavam 127 páginas (hoje são mais de 500 páginas)! Frankó agradeceu pela manifestação amiga, declarando que nunca se tinha julgado algo de especial, apenas “um padeiro que faz seu pão para o uso doméstico”. O discurso terminou com suas palavras: “Que desapareça meu nome, mas que cresça e floresça a nação ucraniana!” Seu nome, no entanto, se tornou conhecido em todos os territórios ucranianos como símbolo de esforço incansável, ocupando o segundo lugar em importância nacional, depois de Tarás Chewtchenko. Nas terras centrais da Ucrânia, onde a imprensa nacional era proibida pelo governo russo a partir do ano de 1876, no começo do século XX parecia haver um degelo que permitia um relacionamento mais intenso de Frankó com a capital Kyiw (Kiev). A editora VIK (Século) publicava suas obras.

Frankó era um poeta e um trabalhador. A maior parte de sua obra é de tese: ela deve servir à comunidade e refletir a vida real. No entanto, em suas maiores obras vivem elementos fantásticos, satíricos e líricos. Em particular nos longos poemas IVÁN VYCHENSKY, de 1898, e MOISÉI (Moisés), de 1905, a idéia de tese é superada por uma poesia altamente emotiva. Na última obra, o poeta se identifica com o vate judeu, vindo na história bíblica uma parábola da história do seu próprio povo. O profeta Moisés, acreditando numa missão sagrada, pretende conduzir os judeus à Terra Prometida, a terra do espírito. Sendo rejeitado pelos seus, ele sobe uma alta montanha de onde avista o futuro da sua nação. Ele é tentado pelo espírito dos desertos, Azazel, e chega a duvidar sobre o desígnio divino. Por isso, ele não pode entrar com seu povo na Terra Prometida, morrendo no caminho.

Em 1908 Frankó foi atacado de paralisia nas mãos e dependia totalmente da ajuda do seu filho amado Andry, a quem ditava seus escritos. Em 1913 Andry morreu, e o poeta teve que se resignar e aceitar ajuda alheia.

No mesmo ano foram festejados 40 anos de sua atividade literária. Os seus méritos são incontáveis, sua produção literária — muito frutífera e diversificada. Nela se destacam mais de cem contos; nove romances, principalmente BORYSLAW SMIET'SIA (Boryslaw Ri, 1881) e ZAKHAR BERKÚT (1883); coletâneas líricas: Z VERCHYN I NYZYN (Das Alturas e Profundezas), 1880 e 1893, ZIVIALE LYSTIA (Folhas Murchas, 1896), MIY ISMARAGHD (Minha Esmeralda, 1897) e outras; lendas ABU KASSY-MOVI KAPTSI (Os Chinelos de Abu Cassim, 1895), KOVAL BASSIM (Ferreiro Bassim, 1900), KOLY CHTCHE ZVIRI GHOVORYLY (Quando os Bichos ainda Falavam, 1903); sátira política: LYS MYKYTA (Compadre Raposa, 1890), SVYNSKA KONSTYTUTSIA (A Constituição Suína, 1896), ISTÓRIA KOJUKHÁ (A História de um Casaco de Peles, 1892); obras dramáticas; comédia UTCHYTEL (Professor 1896); dramas: RIABYNÁ (1892), UKRADENE CHTCHASTIA (Felicidade Roubada, 1893), SON KNIAZIA SVIATOSLAVA (O Sonho do Príncipe Sviatosláv, 1895); traduções de Sófocles, Ovídio, Dante, Shakespeare, Goethe, Puchkin, Byron, Tolstói, Zola, Mickiewicz e outros; crítica literária. pesquisa histórica.

Graças à universalidade de Frankó e seu imenso trabalho, a Galícia se tornou uma região consciente do seu passado e do seu dever futuro. Da tutoria espiritual sua saíram outros grandes escritores, especialmente Vassyl Stefanyk, na Galícia, e Olgha Kobylanska, na Bucovina.

Frankó era um “bom fazendeiro”; não confiava nos outros e sim no esforço de suas próprias mãos. Nenhum trabalho lhe parecia humilde demais. Em 1916 a morte veio libertá-lo. Era o período da Primeira Guerra Mundial, mas, apesar da proibição marcial, no seu enterro havia cerca de 10.000 pessoas.

Como Moisés, no entanto, Frankó não chegou a ver “a Terra Prometida”, ou seja, a Ucrânia livre, morrendo na véspera de sua independência em 1918.



IVAN FRANKÓ

Escultura de Alexandre Archipenko (USA)

MOISÉS

MOISÉS

PRÓLOGO

Meu povo sofredor e mutilado,
Igual a um lazarento no monturo,
Pelo desdém dos homens ultrajado!

Que angústia vivo em teu destino duro!
Foge-me o sono em queimação de pejo,
Que marcará teus filhos no futuro.

Acaso está fixado teu ensejo,
Servir de adubo para o mau vizinho,
Puxar-lhe a carruagem sobre o brejo?

Terás a sina de curtir sozinho
Esse ódio surdo em falsa humildade
A todos os traidores no caminho

Que te forçaram, preso, à lealdade?
Será que nunca chegarás ao gozo
No revelar da força imensidade?

Em vão ardiam corações penosos
Oferecendo a ti o amor sagrado
E corpo e alma — sempre generosos?

Em vão teu solo em sangue está banhado?
Não provarás, radiante, a alegria
De florescer em graça e liberdade?

Em vão na tua fala resplandece
Humor, saudade, brio, formosura
E tudo o que o espírito enaltece?

Debalde no teu canto flui ternura,
Sonoros risos, queixas amorosas
E da esperança labareda pura?

Oh não! Não estas claves dolorosas
São teu quinhão. No espírito teu creio,
No teu porvir em viva luz gloriosa.

Se todos nós ardêssemos de anseio
De provocar uma onda abrasadora
Com a palavra vívida no meio!

Se viesse uma canção animadora
A arrebatat esses milhões consigo,
Alando-os para a meta salvadora!

Mas aí de nós, sem rumo nem abrigo,
Por dúvida e vergonha atormentados,
Não nós te salvaremos do inimigo.

Porém, com povos livres a teu lado,
Hás de esplender ainda, chamejante,
De Cárpatos cingido, venerado.

Teu brado ecoará o Mar Negro avante;
E velarás — legítimo herdeiro —
Pelo teu lar e o campo verdejante.

Meu canto aceita, triste, mas certo,
Confiante em tua luta, em teu empenho,
Penhor do teu futuro verdadeiro:

Um simples dote às bodas de teu gênio.

POEMA

I

Quatro décadas, no ermo, Moisés
Vagueou sem destino
E chegou com seu povo, afinal,
Ao limiar palestino.

Eis — ferrugem de areia ao sol,
De Noab nuas pedras,
Mais além — azuleja o Jordão
Com sedosas ribeiras.

No deserto ficou Israel,
Nestes vales, errante,
E não sente o prazer de passar
Pelos montes avante.

No seu sono indolente pegou
Sob as tendas rasgadas,
E mordiscam seus burros e bois
Secos cardos e sarça.

Que o feliz prometido país
— Esmeraldas, safiras —
Logo além das montanhas reluz,
Julga lendas, mentira.

Todo o tempo, o profeta falou
Sobre a terra sagrada
Com palavras de fogo e amor —
Ignoraram a fala.

O Jordão de safiras azul
E seu vale luzente
Pareciam brincar de esconder
E puxar para frente.

E, cansado já, o povo exclamou:
— Ó profeta demente!
No deserto morar e morrer
É o destino da gente! —

Desistiu de esperar, desejar
Sem certeza da rota
E mandar mensageiros olhar
A distância ignota.

Cada dia de morno calor,
Entre as pedras peladas,
Dorme, inerte, o inteiro Israel
Sob as tendas rasgadas.

Só as mulheres trabalham a lã,
Assam carne na brasa,
E mordiscam seus burros e bois
Secos cardos e sarça.

Mas seus filhos inventam sem fim
Brincadeiras com arte:
Ou guerreiam, ou plantam jardins,
Ou constroem cidades.

E seus pais, sacudindo a cismar
Sonolentas cabeças,
Olham sua ninhada brincar
Com descrente surpresa:

No deserto, eles vêm jamais,
Nem escutam aquilo.
Ou será que o profeta falou
Pelo sangue dos filhos?

II

Um no meio daqueles judeus
Não repousa na tenda,
E nas asas da dor, do pesar,
Sobre os montes se eleva.

É Moisés, o profeta-ancião,
Esquecido, sem forças,
Sem família, rebanhos e bens,
Quase à beira da cova.

O que tinha na vida — legou
Para a única idéia,
A queimar, a sofrer, a luzir —
Uma frágil centelha.

Ele foi quem salvou da prisão
Sua mísera gente,
E mostrou ao escravo infeliz
Liberdade nascente.

E, como alma das almas, buscou
Com extático vôo
As alturas sublimes dos céus
Para o náufrago povo.

Sobre as ondas revoltas do mar
Da cruel incerteza
Ele, junto, tombava também
Nas voragens imensas.

Mas agora sua voz já minguou,
Extinguiu-se a brasa,
Não escuta seus velhos pregões
A moçada leviana.

O por Deus prometido país
É-lhes mera legenda,
Assar carne, comer requeijão —
Eis a graça suprema!

Todo o Êxodo dos ancestrais
Que deixaram o Egito
Lhes parece tolice, torpor,
Um atraso infinito.

Os seus chefes — Datan e Abiron —
Não respeitam seu nome
E retrucam a seus ideais:
— Nossas cabras têm fome —

Quando o velho convoca a partir:
— Não ferramos cavalos—
Às promessas da glória final:
— Gentes vão guerrear-nos —

Aos encantos da terra por vir:
— Também cá não é feio —
E lembrando o mandato de Deus:
— Cala a boca, embromeiro! —

E o profeta lhes anunciou
Uma nova desgraça;
Abiron proibiu-lhe espalhar
A sacrílega fala.

Adorando seu bárbaro Baal,
No conselho supremo
Conseguiu Datan de Israel
Este novo decreto:

“Quem se faz de profeta entre nós
E bobagens ensina,
Prometendo, sem nexo qualquer,
Ira e graça divina,

À revolta seu povo conduz,
Aos caminhos incertos,
Prega buscas dementes, sem fim,
Através do deserto,

Como exemplo a outro qualquer
Que se julgue inspirado,
Proclamamos, em nome da lei,
Que será apedrejado.”

III

Entardece, ^odo dia o calor
Arrefece depressa,
Sobre o monte, a bainha do céu
Qual incêndio chameja.

Como chuva dourada, o frescor
Se derrama, se estende,
E começa nas tendas rumor
Dessa nômada gente.

Devagar e com graça, lá vão
Nos atalhos de pedra
As hebréias com cílios de breu,
Com as jarras vermelhas

Carregadas na frente: é mister
Haurir água no poço.
Para o leite de ovelhas, nas mãos,
Levam sacos de couro.

A ninhada maior, no lazer
Livre bicho do mato,
Corre, grita, brincando a pegar,
Ou atira dos arcos.

Um vagido na tenda qualquer,
Ou um riso de moça,
Alguém canta uma triste canção,
Qual a estepe que chora.

Eis, os pais e os avós, afinal,
Deixam tendas surradas,
Pelos montes inóspitos, nus,
Passam olhos, indagam:

Não se enxerga um guerreiro sagaz
Na neblina amarela?
Ou não traz o demônio do Sul
Ventania de areia?

Tudo quieto. As queixas, então,
São caseiras e calmas:
— Cabras dão menos leite. Será
A forragem escassa?

Pouca cria. E as mulas não têm
O bastante de cardos.
Procurar novos pastos, talvez?
Porém onde encontrá-los?

Abiron aconselha a Median
E Datan — outra terra.
E Moisés? Este há de temer
A sentença severa. —

De repente — zunir no arraial,
Juntamento de enxame:
São curiosos, é o vil povaréu
A buscar novidades.

Que se passa? É um povo hostil,
Ou um bicho medonho?
Não! É o próprio Moisés a sair
Da barraca, teimoso.

Os seus anos e o grande pesar
Encurvaram seus ombros,
Mas relâmpagos no temporal
São seus rútilos olhos.

Apesar das branquíssimas cãs —
Um adorno tão nobre —
Duas mexas superbas estão,
Como chifres, à frente.

Ele vai até a praça central,
Junto à tenda sagrada
Que apontando da terra os confins
Guarda o dom da Aliança:

Um sacrário, uma arca em latão,
Conservada com zelo;
Dentro jazem mandatos e leis
Para o povo dileto.

Mas há tempo, ninguém dos judeus
Do recinto se achega,
Pois um grande respeito e temor
Os afastam da tenda.

Uma pedra vistosa lá jaz
Ao Oriente do toldo,
Desta pedra costumam falar
Oradores ao povo.

Nela sobe o velho Moisés,
E recuam os homens:
Será mesmo que há de pregar,
Sem temer os mais fortes?

E terão que abater e pisar,
Qual um tronco nefasto,
A quem pais costumavam chamar
“Pai do povo sagrado”?

O arrogante Abiron, ao olhar,
Enrubesce de raiva,
Atrás dele — sibila Datan,
O demônio da massa.

IV

— Quero aqui declarar de antemão,
Sem facundo prefácio,
Que o desígnio de ontem é vil,
Injuriante, insensato.

O decreto pretende selar
Minha boca, minha alma;
Mas, contrário a tal decisão,
Eu desato a palavra.

Que se lembre e compreenda, afinal,
Essa prole maligna
Que, calando-me eu, falará
Até pedra sem língua.

Ontem foi que jurastes tapar
Os ouvidos, ó tolos,
Não às minhas palavras mortais,
Mas de Deus poderoso.

Imprudentes! Pois Ele fará
Revelar-se, decerto;
E será sua voz — um trovão
A rolar no deserto.

Ele faz as montanhas tremer
E ceder duros solos,
E o soberbo, infiel coração
Queimará no Seu fogo.

De que vale essa vã maldição
À sublime aventura,
Se é o vosso infeliz coração
Que no exílio labuta?

Pois que nele botou Jeová,
Qual fermento na massa,
O mandato de sempre criar
E buscar a distância.

Ontem vós desejastes a paz
Dos perigos imune,
Mas pedistes conselho de Deus
Para a tal atitude?

Foi à paz convocado Abraão
Com a tribo sagrada?
Após Ur e Haran — Canaã
Foi-lhes dada de graça?

Foi então para a paz que o Senhor
Enviara Seus filhos,
Impelindo-os com fome cruel
Até as margens do Nilo?

Se quisesse manter-vos em paz,
Qual na cripta um defunto,
Viveríeis no Egito, quais bois,
Arrastando seu jugo.

Vou falar-vos sem medo e temor,
Vosso chefe, sim — guia,
Que lutar contra Deus — sempre foi
A pior ousadia.

Pois que o arco do Eterno já está
Com tendão retesado;
Esta seta que deve partir
É seu povo enviado.

Quando a seta está pronta a partir
Para luta e empenho,
Não convém que se queixe a dizer:
“Eu desejo sossego.”

O que ontem jurastes aqui:
Ignorar o profeta,
Não ouvir as mensagens que traz,
Ameaças, promessas, —

Desafio. Mantenho trazer
Tradução e sentido
Da vontade de Deus, que contêm
Recompensa e castigo.

Eu exijo ouvido de vós,
Arrogantes, rebeldes!
Quero ver a sacrílega mão
Que apedreje o vidente!

— Não quisestes, insanos, ouvir
A mensagem da graça,
Como tolas crianças, ouvi
Uma lenda profana:

Um as árvores, certa manhã,
Conversavam no vale:
“Escolhamos, amigos, um rei
Pela livre vontade.

Para termos ajuda leal,
Esperança e defesa,
Que de nós seja escravo e senhor,
Tal estrada qual meta.”

E disseram algumas: “Chamai
Como rei-soberano
O alto cedro que cresce tão só
Sobre o Líbano vasto.”

E, de acordo, enviaram, enfim,
O pedido sincero:
“Desça, ó cedro, dos altos a nós,
Seja um rei altaneiro!”

Mas o cedro soberbo lhes diz:
“Que tolice dissestes?
Devo eu para sempre deixar
Os meus montes alegres?

Abdicando ao brilho do sol,
À vivência tão cara,
E servir, o ente livre que sou,
A uma turba malhada?

Vós ao cedro o cetro trazeis?
Que frustrante proposta!
Pois eu antes o mundo enfeitei:
Sou seu rei com coroa.”

Logo as árvores foram pedir
À palmeira nativa:
“Tu, que cresces no meio de nós,
Sê a nossa rainha!”

Respondeu a palmeira: “Irmãos,
Que insensata esta idéia!
Fazer ordem e vos governar —
Não é minha tarefa.

Para que eu pudesse cumprir
Um intento pesado,
Eu teria de vez que abdicar
A meus doces damascos.

Deveria o esplêndido sol
Tocar seivas maduras
Com seus raios fecundos em vão,
Sem torná-las em frutos?

Que governe-vos seja quem for,
Não assento no trono,
Pois prefiro na sombra doar
Dos meus frutos consolo.”

E curvaram-se as plantas de dor
Sob as nuvens tremendas,
Pois nenhuma das árvores quis
Aceitar a oferenda.

“A roseira, talvez, escolhei!”
Mas, debalde: é tão prosa
Sem coroa — uma planta real
Com divina corola.

Ao carvalho vieram pedir,
Mas, como um fazendeiro,
Este estava cuidando dos bens
No seu verde outeiro.

Foram juntas à bétula, mas
A mimada donzela
Suas tranças ao vento soltou,
Aos pedidos alheia.

Gracejou qualquer uma no fim
Com um tom zombeteiro:
“Seja nosso supremo senhor
Um arbusto: espinheiro.”

Aclamaram-no as plantas, então,
Com aplauso sublime
E pediram que fosse seu rei
O espinheiro humilde.

O espinheiro lhes disse: “O clamor
Que me eleva ao trono
É certo. Sem hesitação
Hei de ser vosso dono.

Não sou cedro — orgulhoso senhor,
Nem palmeira tão bela,
Nem carvalho que cuida de si,
E nem bétula alheia.

Eu irei conquistar para vós
Este campo infinito,
Crescereis até às nuvens dos céus,
Rastejando, eu expiro.

Com espinhos irei, sem parar,
Defender-vos dos danos,
Enfeitando o deserto cruel
Com meus níveos astros.

Sou abrigo para o animal,
Para o pássaro — ninho.
Pela paz que haveis de alcançar,
Morrerei no caminho.”

VI

Em silêncio profundo, os hebreus
Escutaram o mito.
— É uma lenda — lhes disse Moisés —
Eis da lenda o sentido:

Estas árvores são as nações.
Seu monarca e seu servo
É o eleito do próprio Deus,
Um amado herdeiro.

Deus, outrora, seus povos criou
Como plantas no campo;
Penetrando nas almas, olhou
O destino fechado.

Ele leu como um livro seus dons,
Caracteres ocultos,
Procurando encontrar afinal
Seu herdeiro futuro.

Não tomou orgulhosos, que os céus
Com idéias abrasam
E colocam o pé vencedor
Sobre as nucas humanas.

E nem ricos, que sabem juntar
Os tesouros enormes,
Construindo de ouro e suor
Mausoléus a seus nomes.

Nem tão pouco formosos que só
Tangem cordas da lira,
Eternizam seu rosto em canções
E na pedra esculpida.

Ignorou a altivez, o esplendor,
A arrogância e a pompa,
O perfume das Artes fugaz
E a essência doura.

Semelhante a espinheiro, a viver
Tão humilde e obscuro,
Sem a fama dos outros, que vem
Da florada e dos frutos,

É no meio das outras nações
Nosso povo escolhido:
Altos e íngremes são-lhe os degraus
Da grandeza, do brilho.

Entre os sábios — não é pensador,
Nem herói é na guerra;
Como hóspede mora em seu lar,
Como nômade — pena.

E, no entanto, o Eterno guardou
Um tesouro em sua alma
E fez dele da luz castiçal,
Guardião da Palavra.

Para a rota da vida, lhe deu
Uma dádiva farta:
Mandamentos e leis — como pão
Para a longa jornada.

Mas tem ciúme o Senhor Jeová,
É exigente e absorto:
Seu amor é total, pois jamais
Partilhado com outro.

Ele pôs uma manta de amor
Sobre seu escolhido:
Cobrem-na, para todos hostis,
Dolorosos espinhos.

Deus tornou seu eleito mordaz
Qual urtiga queimosa
Para outros. Aspira Ele só
Da sua alma o aroma.

E ordenou-lhe a terrível missão,
Sete vezes selada,
Que este deve consigo levar
Como carga pesada.

Ai daquele enviado infiel
Que se esquece do mando!
Adormece na estrada, ou mais:
Quebra o selo sagrado!

Outro arauto lhe há de arrancar
A missão confiada
E, alcançando sua meta, terá
A perdida herança.

Mas feliz é o arauto fiel
Que se esforça com zelo:
Ganhará o diadema imperial —
Galardão do Supremo.

Israel! Tu és arauto de Deus!
Rei do mundo vindouro!
Esqueceste já tua missão —
Mandamento imperioso?

O teu reino não é material,
Nem a glória — mundana.
Ai de ti, sucumbindo no fim
A uma manha profana.

Sem da terra tornares-te sal —
Serás cinzas e lixo.
Sem ficares de Deus mediador —
Serás Seu inimigo.

Sem salvares o mundo da dor,
Da discórdia, do medo,
Serás verme pisado que jaz
No caminho ao Reino. —

Abiron respondeu-lhe mordaz:
— Ilustríssimo guia!
Assustaste-nos muito afinal
Com palavra tão pia!

Espinheiro dos povos! Que tal?
Pela graça tão grande
Deveremos louvar Jeová,
Teu senhor da verdade.

Ser arautos — que sumo prazer!
Ao futuro remoto
Levar cartas seladas, sem fim, —
Que delícia, que gozo!

É o destino do burro tenaz
Que, com fome, carrega
Amarradas sacolas de pão
Para festas alheias.

Não são loucos ainda os hebreus,
Querem outro destino,
Adorando o Astarta e o Baal
Com ofertas e hinos.

Que troveje teu vil Jeová
No Sinai escarpado,
Pois deus Baal a nós todos dará
Opulência e mandato.

Que o humilde se curve a teu Deus —
Lhe cedemos a honra!
E a Astarta daremos a mão
Entre mirtos e rosas.

Nosso prêmio: Haran e Senar,
Até a foz — nosso espaço.
Não daremos para a Canaã
Nem um único passo.

Não nos vale o cuidado arejar
A carcassa tão velha,
Mas, depois do decreto, convém
Resolver teu problema.

Com pedradas o velho acabar?
É tarefa perdida.
Que Israel tenha lucro qualquer
De tamanha ruína.

Tu que só sabes bolhas soprar,
Inventar umas lendas,
Para nossas crianças serás
A ideal ama seca! —

Assim disse, e risada tiniu,
Mas com ela bramia
Pelo povo um profundo rancor —
Uma nuvem sombria.

Mas, tranqüilo, Moisés retrucou:
— Deus nos faz o destino.
O que deve nos ares pender
Não afunda no abismo.

Não verás amanhã a Canaã,
Nem a foz verdejante.
Não darás do lugar onde estás
Nem dois passos avante. —

Espalhou-se silêncio mortal
Sobre bocas falantes.
Todo branco, tremeu Abiron,
Esperando um milagre.

Mas milagre não veio. Tiniu
A risada. E bramia
Pelo povo um funesto rancor —
Uma nuvem sombria.

VIII

Levantou-se, arrogante, Datan:
— Tu ameaças de balde
E talvez não te agrade ouvir
Umhas tantas verades:

Aprendeste no Egito, sagaz,
Com os magos-doutores
Como, impune, poder nos roubar
Regalia e bom nome.

Freqüentaste com zelo sem par
O conselho inimigo
A forjar-nos aqui perdição
Que convém ao Egito.

Os egípcios tiveram — se diz —
Um oráculo estranho:
Um carvalho os faria morrer,
O seu caule com ramos.

Sacerdotes e seu faraó
Entendiam a imagem
Como as tribos que vêm de Israel
Às egípcias margens.

E temiam. Faziam penar
Nossa mísera gente
Que crescia no duro labor
Como o Nilo na enchente.

Quando a mãe dos hebreus dava à luz
Primogênito filho,
Lamentava uma egípcia mãe
Seu primeiro menino.

Ninguém soube remédio algum
Para o mal tão estranho;
Aos joelhos do mau faraó
Foste tu, renegado!

Tu disseste: “Permite que eu
Os conduza ao ermo;
Eu os torno submissos a ti,
Dominados e presos.”

Tu manténs a palavra, a levar,
Como a tolas ovelhas,
Os hebreus nas areias sem fim,
À penúria suprema.

Quanta gente nos ermos tombou!
As areias e as rochas
Aos milhares dos nossos judeus
Se tornaram em covas!

Eis agora, que somos assim
Um resíduo apenas,
E a potência do povo se foi
Pelas secas areias,

E o espírito forte tombou
Qual franzina criança,
E no peito soltou-se o vigor
Qual argila molhada,

Tu nos levas até Canaã —
Uma cova de lobo:
Lá governa o audaz faraó —
É sabido por todos!

É loucura querer ocupar
Ratoeira, confrade!
Guerrear os egípcios lá
Ou pedir piedade? —

— Ó Datan — respondeu-lhe Moisés —
Tu te exaltas à toa:
Não verás Canaã, nem curvar
Vais a nuca orgulhosa.

Mas ainda direi, ó infeliz,
Que na hora da morte
Não terás nem um palmo de chão
Sob os pés vencedores. —

— Ei, hebreus! — gritou alto Datan —
Não é Baal o nosso amo?
Esqueceste depressa demais
O decreto aprovado!

Pegai pedras! Não zombe de nós
Esta boca e não pregue:
É mais justo que morra ele só
Do que todos por ele. —

— Que ele morra! — zuniu ao redor, —
Que se acabe deveras! —
Mas estranho: nenhuma das mãos
Levantou uma pedra.

E Datan prontamente entendeu:
— Vai-te embora, tu, velho!
Não queremos manchar nossas mãos
Com teu sangue perverso. —

E bramiu o insensato motim:
— Vai-te embora e agora! —
E seu urro, qual vil furacão
Rodopiava em revolta.

IX

Mas Moisés levantou sua voz,
Bravejando com ira;
Pela estepe rolavam trovões
Em palavras sofridas:

— Ai de vós, insensatos e maus,
Vós, anões nos coturnos!
Conduzidos, quais cegos sem luz,
Pelos reles gatunos.

Ai de vós, infiéis corações,
Que, partindo do Egito,
Arrumais contra os próprios bens
Lamentáveis atritos.

Ai de vós, arrogantes vilões,
Obstinados, bulhentos,
Vossa vil teimosia vos faz
Sangraduras por dentro.

Vós queimais, como ortiga, esta mão
Que vos faz um agrado,
E pisais, como um touro, o pastor
Que vos leva ao pasto.

Ai de vós, que vos fez o Senhor
Labareda sagrada,
O supremo dos dons vos será
A mais funda das chagas.

Pois, enquanto com seu esplendor
Vos exalta o Mais Alto,
Vós, em troca, com pedras saudais
Seus profetas e arautos.

Cada gota de sangue fiel
Que tirais de Seus servos
Há de ser maldição sobre vós,
Vossos filhos e netos.

Ele vai vos bater, castigar,
Até a dor vos ensine
Como Sua vontade cumprir
Numa vida sublime.

Mas, passado o castigo de Deus,
A lição é esquecida:
Voltarão os delitos sem fim
Junto à ira divina.

Longos tempos haveis de viver
Nesta escola severa,
Aprendendo a leitura real
Da Vontade Suprema.

Vejo o quadro: na mata o pastor
Tira da árvore casca,
Molha na água e seca, depois
Bate, pisa e amassa;

Eis que a bucha amolece e enfim
Fica pronta deveras,
Recebendo em seu corpo mortal
Uma clara centelha.

És a casca, meu povo Israel,
Por seu Deus castigada,
Até, dócil, te abraça em amor
A Palavra sagrada.

Para a meta tu vais como rez
Descontente de tudo...
Ai daqueles que causam horror
A quem fez este mundo!

Tu, fitando o passado audaz
E os futuros caminhos,
Tropeçando em qualquer obstrução,
Perderás equilíbrio.

Como um louco cavalo a correr
Ao abismo sem fundo,
Trocarás a coroa de rei
Pela canga e o jugo.

Cuida bem que teu Deus, com rancor,
Não retire a promessa
E não quebre a palavra que deu
A esta prole perversa.

Para que não te deixe — um pavor
Às nações, nesta estrada,
Qual malhada serpente que foi
Por Seus pés esmagada. —

Os judeus escutavam enfim
Abaixando seus olhos,
Só roncava um atroz vendaval
Nos seus peitos revoltos.

X

Já tingia as montanhas Moab
O sol grande e vermelho,
Como se submergisse no mar
Ao tocar seu espelho.

Reluzia no céu vespéral
Uma intensa tristeza,
Latejava o uivar dos chacais
Com dóida crueza.

Tremulou o infeliz coração,
E o cansado profeta
Fez sua alma afinal transbordar
Ao seguir para a meta.

Sempre ser o vidente da dor,
Do castigo suspeito?
Como pobre criança, o amor
Soluçou-lhe no peito.

— Se soubesses, ó meu Israel,
De que cheia é minha alma!
Se provasses o amor meu fiel
Sem alívio nem calma!

És meu filho herdeiro, meu lar,
Minha honra e vitória.
Em ti está do futuro o altar,
Na beleza e na glória.

Dei a ti meu esforço sagaz —
O que sou de mais digno:
Pelos séculos caminharás
Com meu ígneo signo.

Mas não amo somente o suor
Do meu mísero zelo:
O esquecido e oculto esplendor
Do teu gênio eu velo.

Ó meu povo, não guardes rancor
Do sacrílego dito:
Dediquei-te mais vívido amor
Do que Deus a seus filhos.

Ele tem os milhões como seus,
Que Ele aquece e acalma,
E eu tenho só a ti sob os céus,
Tu preenches minha alma.

Ele a ti, como dono e teu rei
Escolheu como escravo;
Sem temor teu escravo fiquei
Só de amor sem agravo.

E quando Ele aguarda no altar
Seu tributo, seu preço,
Ó meu povo, eu só quero dar,
Eu de ti nada peço.

E quando Ele exige louvor,
Com incenso, das gentes,
Eu aceito de ti toda a dor,
Zombarias pungentes.

Pois não posso, somente, te amar
Por beleza e talento,
Mas por falhas, maldades sem par,
Que chorando lamento;

Por tua estúpida obstinação,
Por orgulho na prece,
Que, insistindo na ignóbil ação,
Nem a Deus obedece;

Por mentiras da língua que tens
E consciência porosa
Que se prende ao mundo e aos bens
Com raiz poderosa;

Pelas filhas vãs, sem pudor,
E o amor seu intenso,
Pela fala, e riso, e ardor,
Por tua vida e teu senso.

Ó meu povo, meu filho Israel,
Queixa-te ao teu dono:
Eu te dei meu amor, mel sem fel,
Mas enfim te abandono.

Pois já ouço chegar-se meu fim,
Misterioso e ignoto,
E eu devo alcançar o confim
Canaano, remoto.

Eu queria convosco chegar
Com clarim trovejante,
Porém Deus destinou a sagrar
A mim só este instante.

Se eu morrer vislumbrando o Jordão
Da montanha, na Terra
Prometida, lembrai que seu chão
Os meus ossos encerra.

Estendendo em paz fitarei
As montanhas sombrias,
Em seguida, também seguireis,
Orfãozinhos sem guia.

A saudade vos venha buscar,
Vos mordisque e inquiete,
Como um cão que convida o senhor
A caçar pela estepe.

E eu sei: todos vós partireis
Como as águas na enchente;
Esquecei-me, não mais indagueis
Onde estou minha gente.

Pois que avance no seu esplendor
Este mar degelado!
Israel, ó meu filho da dor,
Sê bendito e louvado! —

XI

Para a estepe saiu o infeliz
E deixou a vivenda.
As montanhas em brasa do sol
Apontavam-lhe a meta.

Pelos vales a sombra rolou,
Já subia as vertentes.
A tristeza apertou o coração:
“Vou embora pra sempre.”

Mas de súbito — eis ao redor
Inocentes crianças:
Correm perto a beijar sua mão,
Segurar sua capa.

— Tu para onde caminhas, vovô?
Pois em breve é a noite!
Construímos muralhas — vê só
Com que portas e torres!

Tu não queres conosco brincar?
— Não agora. Está longe
A muralha que devo atingir
Entre a vida e a morte.

— Vê: matamos um escorpião
Neste vale. Pegamos
Três coelhos pequenos, sem mãe,
No espinheiro guardados.

— Sim, crianças, matai escorpiões,
Com coragem, destreza,
Pois, embora não justa, nos é
Vantajosa essa empresa.

Não é justa, porque o escorpião
Também gosta da vida.
Não tem culpa de seu agulhão
Venenoso que pica.

Mas lebrinhas deveis devolver
Ao arbusto, seu ninho;
A mãe-lebre as procura. Será
Que pensastes naquilo?

Vós deveis cultivar compaixão
Por qualquer criatura,
Pois a vida é tesouro. Não há
Mais preciosa fortuna.

— Fica um pouco conosco, vovô!
Senta aqui em nossa roda!
Conta tuas façanhas. Ninguém
Sabe tantas histórias.

Conta-nos sobre os tempos nos quais,
Quando jovem, levavas
Os rebanhos do sogro a Coreb,
As colinas de sarças.

Quando viste o arbusto em ardor,
E que não se consome,
E ouviste do arbusto uma voz
Que chamava teu nome.

— Não é tempo feliz de ouvir
Sobre as coisas passadas.
A neblina já vem se estender
Como branca toalha.

Mas um dia vereis, como eu
Vi, no meio dum ermo,
Escalando as colinas Coreb,
Um arbusto braseiro.

Sentireis uma festa sem par
Dentro da alma inflamada.
Ouvireis uma voz vos chamar
Do espinheiro entre as chamas:

“Tira tuas sandálias com pó
De desejos mesquinhos,
Pois Eu quero meu servo mandar
Para um alto destino.”

Cultivai esse ardor. Quando vier
O chamado futuro,
Podereis responder: “Meu Senhor,
Eu, Teu servo, Te escuto!”

Muito tempo na estepe a cismar
Inocentes crianças
Não ouviram o velho partir
Para a noite velada.

Muito tempo oprimia o pesar
As cabeças dolentes,
Até sua silhueta sumiu
Entre as trevas da estepe.

XII

“Envolveu-me a cruel solidão
Como o mar-oceano,
Meu espírito — velas ao mar —
Solve o sopro salgado.

Eu conheço há tanto esta dor,
A fiel companheira!
Nas estepes, ou na multidão,
Sempre a sós — eu com ela.

Como um astro cadente a tombar
Na voragem secreta,
Sinto o toque da mão do Senhor,
Misteriosa centelha.

Silenciam os lábios mortais,
Com palavras seladas,
Só no fundo do meu coração
Tu, meu Hóspede, falas.

Eu procuro, sem trégua, a Ti
Com saudade infinita
E queria captar Tua voz,
Como lá, nas colinas! . . .

Percorri meus caminhos, Senhor,
Que outrora apontaste,
E estou só, como estive na luz
Da santíssima face.

Quatro décadas eu labutei,
Todo em Ti concentrado,
Para os míseros servos tornar
Em Teu povo sagrado.

Todo o tempo forjei com fervor
Suas mentes mesquinhas,
Para a torpe cativo ofertar
Semelhança divina.

Mas colhi zombarias, desdém —
Não amor dedicado . . .
Conhecias, Tu Sábio, — então —
Meu empenho frustrado?"

E provou um amargo sabor:
“Sou de tudo culpado:
Mandamentos e leis do Senhor
Não guardei com cuidado.

Entre lágrimas venho pedir
Na suprema desgraça:
Despe-me da terrível missão
Da sagrada palavra!

Uma dúvida — gládio atroz —
Na minha alma se afunda. . .
Dize, estás satisfeito, Senhor?
O Teu servo Te escuta.”

Assim foi que rezava Moisés
Num atroz sofrimento.
As estrelas calavam. Sem fim
Estendia-se o ermo.

XIII

Eis que ouve-se um riso mordaz
E, no entanto, abafado:
Parecia alguém caminhar,
Sem ser visto, ao lado.

Escutou as palavras soar,
Qual da cobra silvante:
— Cada flor da loucura produz
Sofrimento mais tarde.

Quando for complicado demais
Carregá-lo sozinho,
É mais fácil o fardo deitar
Sobre os ombros divinos.

Moisés:
— Alguém fala? És meu interior
Na desgraça e no pranto,
Ou demônio malvado qualquer
A zombar do exilado?

Voz:

— Consequiste, afinal, duvidar
Da missão altaneira
Que seguiste por anos, fiel,
Com convicta cegueira.

Moisés:

— Alguém fala? De frio suor
Fica a fronte banhada,
E trespassam o meu coração
Uns espetos em brasa.

Voz:

— Desviaste teu povo infeliz
Do caminho correto,
Para só tu poderes saciar
Teu vaidoso desejo.

Moisés:

— Tu, quem falas! Responde: quem és?
E por que me persegues?
Sinto em mim um terrível olhar
Dentro da alma que geme.

Voz:

— Não importa quem sou. Para quem
Deu ao mar suas ordens,
Importante é saber se falei
A verdade. Me ouves?

Moisés:

— Empenhei-me, mas não para mim,
Na duríssima lida:
Vi no jugo a querida nação,
E minha alma doía.

Voz:

— Pois tu foste dos servos irmão —
Isto bem que incomoda!
E por que não torná-los assim
Como a mente o aprova?

Moisés:

— Sim! Dos vales sombrios, eu quis
Levantar minha gente
Para estarem comigo na luz
Da aurora nascente.

Voz:

— Perguntaste ao Senhor-Criador
Qual seria o caminho,
Ou procuras-nO só no pesar,
Infeliz, sucumbido?

Moisés:

— Não, eu fui abrasado por Seu
Imperioso chamado;
Labaredas dos montes Coreb
Carregavam meu fardo.

Voz:

— Mas, quem sabe, não era em Coreb
Onde as chamas queimavam;
Talvez, fosse em teu coração,
Dentro da alma abrasada.

Essa voz a guiar os judeus
Para o Êxodo duro,
Talvez fosse somente de ti,
Não dos santos arbustos?

Pois paixão é que cega o olhar,
E desejos são manhas:
Criam mundos e deuses sem fim,
Como a fata morgana.

O desejo que, como chacal,
Te impelia pra meta
Fez de ti um vidente, um pastor,
Um excelso profeta.

Moisés:

— Oh, de tuas palavras eu sou
Totalmente um deserto.
Ó inimigo, quem és?

— Azazel,

O demônio dos ermos.

XIV

Estava escuro, só estrelas do céu
Cintilavam no espaço;
No seu brilho subia Moisés
Sempre mais para o alto,

Sem atalhos. Guiavam-no sons
Misteriosos, latentes:
Ou uivar da hiena feroz,
Ou silvar da serpente.

Ele andava, qual velho herói,
Para a última luta:
Mas a outra, no seu coração,
Era trágica, oculta.

“Meu desejo” — bradava uma voz —
“Era a dor e a vergonha,
E o arbusto inflamado a chamar
Os judeus para a glória?”

O desejo tornou-se raiz
Dum poder tão intenso
Que criara o chamado de Deus,
Mais, o próprio Eterno?

O desejo — servir aos irmãos,
Enxugar sua fronte —
É delito que devo pagar
Com exílio e morte?

Oh, cuidado! Não queiras mesclar
O profano e o santo!
O desejo é sagrado, porém
Favorece o pecado:

Tu não foste o supremo pastor
Dos seus corpos e almas?
E o poder — não chegou a ferir
A tarefa sagrada?

Tu não foste como um faraó?
Ou, pior, não fizeste
Vis escravos de seus corações,
Suas almas e mentes?

Perigoso é querer contrariar
O percurso dos fatos.
É mais fácil mostrar no querer
Um desígnio mais alto.

Não sabias ser possuidor
Da loucura divina,
Que escondia na voz divinal
Tua própria mentira?

Pois o povo podia crescer,
Sendo servo no Egito,
E tornar-se, mais tarde, o senhor
Sobre a terra do Nilo.

Ao tirá-lo do próprio chão
Para o seco deserto,
Tu fizeste uma ignóbil ação,
Um delito perverso.

Prometer ao insano montão
Liberdade perene
É da terra um carvalho arrancar
E jogar na corrente.

Nós deixamos os ninhos atrás
À procura de novos,
Mas não temos bastante fervor
Para o lúcido vôo.

Oh, responde, meu Deus, se cumpri
Tua santa vontade,
Ou se fui um joguete infeliz
Dos meus próprios males.

Tu conquistas, acaso, também
O Teu dom de palavra
Só nos sonhos, no sangue em fervor,
Na paixão extremada?"

Mas calava o Senhor entre os sons
Misteriosos, malignos:
O uivar da hiena feroz
E das cobras os silvos.

XV

Nas estepes surgia o sol
Como a roda gigante,
Trespessando da noite o negror
Com as setas brilhantes.

Nestes raios, o monte do Céu,
Todo em púrpura e ouro,
Sobre as outras montanhas ergueu
A grandeza dos ombros.

Contra o fundo de ouro e anil,
No mais alto dos picos,
Uma insigne figura surgiu —
Um gigante do mito.

Bem acima da luta trivial,
Dos terrenos rumores,
Ele está levantando aos céus
Os dois braços enormes.

À purpúrea luz do arrebol,
Nos seus raios intensos,
Sua grande figura se vê,
Do longínquo deserto.

Já das tendas hebraicas vêm
Os olhares difusos
Como arautos até os seus pés
Sobre o píncaro rubro.

— É Moisés! — pronunciam, enfim,
Com as línguas atadas,
Mas sentindo um agudo ferrão
Dentro da alma açoitada.

Todo absorto em profunda oração
Está o velho profeta:
Sua prece, qual chifre de luz
O alto trono golpeia.

Sua boca não solta um só som.
Queda muda a palavra,
E, no entanto, no seu coração
Ele grita e batalha.

Levantou-se o sol sazonal
E chameja seu teto,
Mas na prece persiste Moisés,
Invencível, severo.

Já o demônio da tarde conduz
Pela estepe o mormaço,
Mas erguido persiste, de pé,
O titã soberano.

Sobre os picos, o dia a morrer
Sangra gotas solares,
Estendendo seu véu abismal
Das montanhas aos vales.

Eis, por último, deita Moisés
Sua sombra serena
Entre as tendas hebréias — assim
Como a bênção paterna.

E aos poucos, um vago temor
Se apodera de todos:
“Talvez seja qualquer maldição
Contra nós, o seu povo?”

Sua prece tem tanto vigor
Que derrete o penedo,
Faz o eixo da terra tremer
E até o trono do Eterno.

Se lançar contra nós, sem perdão,
A potente palavra,
Perderá todo o povo judeu —
A nação consagrada.”

XVI

Arquejava de febre Moisés
No caminho de espinhos;
Quando veio a noite, tombou
Sobre as pedras do pico.

De repente, seu chão vacilou
Com os cumes em torno,
Sua mente de dor se apagou,
Qual num berço materno.

No silêncio, vem uma canção
A soar tristemente,
Uma nvea mão vem tocar
O seu berço de leve.

Escutou uma voz sussurrar:
— Oh, meu filho dileto!
O que foi que o destino te fez
Em tão curto momento?

Há tão pouco que eu te guiei
Pela mão pequenina...
Dei-te à luz para ver-te sofrer
Esta lúgubre sina?

Quantas rugas na face tu tens!
E teu corpo é tão murcho!
O cabelo que eu afaguei
Já vestiu a brancura...

Tu, outrora, fugiste de mim
Para lutas-batalhas!
Como teu infeliz coração
Ficou pleno de chagas!

Pobre, pobre criança! Ao sol
Todo o dia sofreste.
Dize, filho, afinal: para quê?
O que veio da prece?

É potente teu povo. Ele tem
Seu passado e futuro.
Tu tentaste o poder da oração,
Indicando-lhe o rumo.

Vê: eu tomo esta pedra do chão
E depois — eu a lanço:
Contra as rochas, no vôo abismal,
Ela bate, saltando.

Aqui choca-se contra um metal
E se quebra em pedaços;
Lá desprende uma outra qualquer
À voragem rolando.

Aqui perde uma parte, lá — mais,
Com barulho e estrondo.
Quem diria o ignoto lugar
De seu último pouso?

Não o sabe nem teu Jeová!
Vãos são rezas e rogos!
Onde deve uma pedra cair,
Cairá sem retorno.

Dentro dela está o leme, o poder;
Esta força que emana
É que guia ao próprio lugar
Cada coisa criada.

É potente o Eterno Senhor,
Não consegue, no entanto,
A menor das pedrinhas deter
No caminho traçado.

Eis que surge um grãozinho de pó,
Que não grita, não brada,
Mas nem Deus é capaz de volver
Sua vida ao nada.

E não pode mandar-lhe trilhar
Uma rota diversa
Da que mora no seu interior
E lhe traça uma meta.

É poeira! Mas quanto maior
É o conjunto de um povo,
Onde cada partícula traz
Uma parte do vôo!

Escutaste a canção de Orion,
Deste cego gigante?
À procura da sua visão
Foi ao sol chamejante.

E levou um petiz-brincalhão,
Carregado nos ombros,
Que o guiava, colado nos pés
Do astro-sol venturoso.

De manhã — para o Leste de anil;
Pelo meio do dia,
Para o Sul, abrasado de luz;
Para o Oeste, em seguida.

E caminha sem fim Orion
Com a fé e esperança;
Tão sedenta da luz salutar
Arde em flamas sua alma!

Passa montes e mares o pé
Do gigante enganado,
Sem saber que seu guia sorri
Zombeteiro e malvado.

Orion — são os homens mortais,
Com a fé tão humana
Que os impele no esforço sem fim
Para a meta ignorada.

O que o ente não pode atingir
É por eles amado;
Sim: o ignoto, fantástico crer
É seu hábito estranho.

Edificam seus planos além
Da aptidão concebida.
Destes planos a lógica ri
Com desdém, ironia.

Como aquele gigante sem luz,
No burlão confiando,
Sempre chegam a outro lugar,
Não ao alvo mirado.

E tu rezas! Oh, filho infeliz!
É risível teu brado.
Tu te prendes na espuma do mar
Contra as ondas lutando.

XVII

Algo nisso soava-lhe bem,
Como límpidas ondas,
Emanando em tranqüilo frescor
Um alívio e aroma.

Mas depois bafejou o simum,
Quente vento dos ermos,
E surgiu um estranho temor
De criança no berço.

Assustou-se Moisés e se ergueu
Descorado, sem forças,
E falou: — Não me faças penar
Já na beira da cova.

Tu não és minha mãe; não amor
Vibra em tuas palavras;
Antes és o cruel Azazel —
Desespero das almas.

Vai-te embora! Não creio em ti,
E com Deus te esconjuro:
Podes ser um potente imortal,
E, no entretanto, és impuro.

Mas de novo se ouve: — Escutei
Uma réplica tola:
Esconjuras com Deus, de quem sou
Uma parte na força.

O que vale esta vã maldição?
Morrerias aflito
Se soubesses pequena fração
Do futuro escondido.

Já te exalta faísca qualquer
Na cegueira, ó insano!
Eu habito em chamas totais
Sobre o tempo e o espaço.

Vou mostrar-te um milésimo grão
Da verdade velada:
Vê esta terra, ao pai Abraão
Prometida, sagrada! —

E o Oeste de sol reluziu:
Qual a tela mais rica,
O profeta do monte fitou
Seu país Palestina.

O Invisível, ao lado, lhe diz
Em sussurro maligno:
“Vê o Mar Morto, no negro fulgor,
Como o espelho polido.

Estes cumes que tocam os céus
Com cabeças vendadas
São rochedos dos montes Carmel
Em cadeia ondulada.

Vê ao Norte: eis montes Sion!
Ebuseus lá se escondem;
Se gritares de um alto torrão —
Amorreus te respondem.

Esta fita de prata — é o Jordão,
No Mar Morto ele finda,
Onde a velha, sagaz Jericó
Seu pedágio fixa.

O seu único vale chamou,
De uma parte, amonitas
E, da outra, juntou cananeus
Que acamparam nas ribas.

Eis, no Oeste — montanhas sem fim,
Com pastagens de trevo,
E ao Norte, de novo, montões
Com um lago no meio.

Tens visão do país no total:
Lã de ovelhas, cevada...
Facilmente capaz de caber
Numa palma cerrada.

Nem passagens que levam ao mar,
Nem estradas extensas.
Onde deve crescer, florescer
A nação predileta? —

Mas severo responde Moisés:
— Quem c'eu água da pedra
Tornará em paraíso sem par
Esta terra pequena. —

XVIII

Eis de novo risadas: — A fé
Movimenta montanhas;
Mas, repara nos quadros, verás
As futuras façanhas.

Vê: progridem avante os judeus;
Jericó fica presa,
E o Jordão com as águas azuis
Rola em ondas sangrentas.

Desde séculos, lutam no chão
Que se diz dos judeus
Amorreus, amaliques, heveus,
Filisteus e hateus.

Eis o reino hebraico! Que vem
Custar sangue com pranto.
E, no entanto, uma gota será
Na cisterna do fado.

Não consegue brotar, florescer,
Quebrantando-se em partes,
Vai nas fauces vizinhas cair,
Poderosas, vorazes.

Vê! Que nuvens terríficas vêm
De Damasco, do Norte!
É o assírio que traz aos hebreus
A ruína e a morte.

Enrubescem os campos, e jaz
Morto junto do morto;
Babilônia inflige a Judá
Cativo penoso.

Eis no fogo seu templo. E assim,
Quais insetos no campo,
Vão milhares de escravos sofrer
Nos grilhões ferretados.

Ouves pranto? É um sábio que vem
Lamentar as ruínas (*)
Que causou o invasor, sem temer
A justiça divina.

Como fede o deserto! Mas eis,
Aparece um luzeiro...
Oh, quão poucos retornam à paz,
Do infeliz cativo!

Entre os muros de Jerusalém
Se aglomeram humildes:
Novo templo com leis, novo Deus,
Nova força invencível.

Cresce o povo, se esbate no chão,
Na miséria brota,
Como um cardo humilde e tenaz
Sempre pronto à revolta.

E sobre ele trovejam trovões
Da história do mundo:
Reinos surgem e tombam, iguais
A fantasmas soturnos.

(*) Jeremias

Ele guarda no pátrio rincão
Uma incrível audácia,
Lança em ódio vis maldições
Com desdém e arrogância.

O mais forte dos ódios surgiu
“Pelo Deus verdadeiro”.
Como ajunta o fervor os fiéis
À soleira do templo!

Eles geram violência. Vê:
Ladainha de crimes!
Vão potências más arrancar
A nação com raízes.

Ouves estas batidas dos pés
Das legiões implacáveis?
Elas pisam os campos judeus
E lavouras invadem.

Ouves este cruel chapinhar?
É do sangue inocente.
Ouves gritos? — selvagens corcéis
As donzelas impelem.

Eis a mãe trespasada de dor
Que devora seu fruto.
Eis milhares pregados na cruz —
Flor do povo futuro.

Arde o templo do Deus Jeová
Pela vez derradeira;
Não levanta das cinzas jamais
Em poder e beleza.

O restante do povo, sem chão,
Busca abrigo no exílio,
Não retorna ao pátrio umbral,
Pelo mundo perdido.

Deixará para sempre Israel
Sua lúcida estrela;
Reinará só o profundo rancor
Que no templo nascera.

Tu duvidas acaso? Não crês?
Oh, bem sei que adivinhas:
Este é o paraíso judeu,
Esta a terra bendita.

Eis o fruto do teu labutar,
Da penosa tarefa.
Dize: queres ainda rezar
Que ele venha depressa? —

Inclinou a cabeça Moisés:
— Ai da minha desgraça!
Não consigo levar para a paz
A nação torturada. —

E caiu com a face no chão:
— Enganou-nos o Eterno! —
Ecoou sua voz infeliz
Com o riso soberbo.

XIX

Trovejou. Vacilaram então
As raízes e os picos;
Eis, quais ondas terríveis do mar,
Os arautos divinos:

Levantou-se ao teto dos céus
Uma nuvem de chumbo,
Como trevas, velou a visão
Com um lenço noturno.

E piscou na negrura abismal
Com seus olhos de fogo,
Como fera ferida e voraz,
Com terrífico ronco.

Com pavor escutava Moisés
Esta fala tão crua,
Não captando no seu coração
A mensagem oculta.

Bravejou um tremendo trovão
Eriçando cabelos;
Mas não era, no seu coração,
A linguagem do Eterno.

Ululou um feroz furacão
Com seu uivo soturno,
Mas não eram palavras de Deus
Que tocassem profundo.

O granizo com chuva açoitou,
Veio frio tremendo,
Mas ainda não era o Senhor
A falar com seu servo.

Soluçaram riachos enfim
Como flautas sonoras,
E passou uma brisa gentil
Com aroma de rosas.

Esta brisa de cravos-jasmins
Tinha fala escondida,
E sentiu o profeta Moisés
A mensagem divina:

— Enganou-te o Eterno, com quem
Tu fizeste aliança,
Aceitando Seus termos, então,
Sem nenhuma ressalva?

Tu conheces Meus planos que estão
No Meu livro de sina?
Viste ocultos confins, a lançar
No Meu rosto mentira?

Tu não foste no seio da mãe
Concebido, ó perverso,
Já contei teus suspiros, teus ais,
E teus brancos cabelos.

Não partira ainda Abraão
Do seu Ur infecundo,
Eu criara seus filhos, então,
Até o fim do futuro.

Pobre terra de estreito país,
Não reluz de riquezas,
Mas o berço dos grandes também
Tem a mesma estreiteza.

No porvir, eu vos hei de tirar
Para esforço supremo,
Como a mãe tira o filho afinal
Do seu seio materno.

Neste campo, na seca escassez,
Qual um vil espinheiro,
Crescei fortes, a fim de enfrentar
Um destino adverso.

Eu conheço vossa alma tenaz,
Insaciável de gana:
Espalhar-vos iríeis assim
Como cardos e grama.

Com o corpo e a alma a sugar
Vosso campo lavrado;
Por-vos-ia deus Momo — tais quais
Gordos peixes — no saco.

Pois a egípcia má servidão
Vossas panças saciava;
Longos tempos haveis de arrotar
Suas carnes assadas!

Como pássaros de arribação,
Sereis donos do mundo.
Voareis para longe buscar
Seus tesouros ocultos.

Hei de pôr a pior maldição
Sobre aqueles tesouros, —
Como a cobra; pois deles virão
Só penúria e choros.

Quem consegue riquezas juntar
Pelos preços extremos,
Há de ser seu escravo e perder
Os tesouros eternos.

Dos tesouros escravo e senhor, —
Pela lágrima e sangue —
Vai cuidar só dos picos ao sol
E imolar suas bases.

Sanguessugas encontram enfim
Na ganância a morte;
O oceano de ouro, também,
Gananciosos engole. . .

No oceano de ouro, terás
Um desejo canino:
Um dourado, aromático pão
Não será vosso alívio.

Mas sereis testemunhas de Mim
Em palavras aladas:
“Deus escolhe só aqueles mortais
Que saciam as almas.”

Quem saciar-vos de pão, com o pão
Ficará corrompido.
Quem o espírito vosso saciar
Terá parte comigo.

Eis o vosso bendito país —
Resplendente e imenso.
E tu foste um obscuro pastor
Do Meu povo dileto.

Eis a pátria, banhada de luz,
A mais bela e mais rica:
Uma miga da mesma será
O país Palestina.

Vossa pátria será o ideal,
Será estrela no escuro.
Procurando-a, será Israel
O senhor deste mundo.

E porque duvidaste de Mim
E da Minha vontade,
Tu, mirando a herança de Deus,
Não terás tua parte.

Quedarão os teus ossos aqui —
Em severa chamada
Aos que buscam a meta no além
E sucumbem na estrada. —

XX

Cobre a névoa os montes azuis
Com saudade difusa,
Espalhando-se em sonhos e ais
Sobre a terra em penumbra,

Derramando folhagem e flor
Que há tempo morreram,
Acordando nas almas os sons
Que calaram, de pena.

O hostil de outrora voltou
Qual honrado e amigo;
O desprezo cedeu sua vez
Ao amor e ao mito.

Sob as tendas dormitam judeus
E madrugam aflitos:
“Será que ele lá reza, de pé,
Na montanha, no pico?”

Ninguém. Nada. E aquele “ninguém”
Tem da morte a negrura.
Acabou-se a suprema razão
E da vida e da busca.

O invisível, a incógnita luz
A brilhar no seu meio,
Que lhes dava esperança e calor
E supremos anseios.

Uma mágoa intensa oprimiu
Suas mentes pesadas.
Afundou-se o inteiro arraial
No sentido do “nada”.

Uns aos outros olhavam com dor,
Lendo em lívidas faces
Uma muda censura: de ter
Destruído seu vate.

Batem cascos. É o vento simum?
É o oráculo perto?
Não: é o chefe-pastor Josué
Com os seus companheiros.

As manadas sem rumo a correr...
É um ataque inimigo?
Não: incita-as um surdo terror
Como o dedo divino.

Fome da alma, feroz solidão
E o abismo do nada...
Josué faz ouvir seu clamor:
— À campanha! Às armas! —

Qual uma águia, o grito subiu
Sobre a turba calada.
Ecoou das montanhas a voz:
— À campanha! Às armas! —

Um momento, e o torpe montão
Despertou de seu sono
E, deixando o inglório lazer,
Respondeu-lhe sonoro.

Um momento, e ao todo cem mil
Este grito repetem:
Eis o povo de nômades vis
Que em heróis se converte!

Os agudos ressoam clarins
E retumbam os ermos
Para a morte do chefe Abiron
E Datan, traiçoeiros.

Pelos montes, quais pássaros, vão
E, Jordão dissipando,
Vencerão a tenaz Jericó
Com as trompas em brado.

Marcharão aos longínquos confins
A levar, entre os hinos,
Para a alma um banquete nupcial
Ou morrer no caminho.

Este livro está sendo publicado no 75.º aniversário do poema MOISÉS e no 90.º aniversário da imigração ucraniana no Brasil, a qual o autor dedicou um ciclo de poesias.

Sociedade dos Amigos da Cultura Ucraniana

